ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Pin-Up's - USA

Marienkirche - Alemanha

Brasil, 1904-1921. CINCO MIL RÉIS da Série Francesa.

BOLETIM INFORMATIVO Nº 72

AGOSTO DE 2017

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC

Caixa postal 229 - CEP 88.010-970

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos até dezembro de 2017:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos	R$120,00
Juvenis - com idade inferior a 18 anos	R$20,00
Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis	R$40,00
Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil	US$ 35,00

Associe-se!

Envie-nos cópia preenchida da ficha para associação, encontrada em nosso site na internet:

www.afsc.org.br

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Mais um ano se passou e recheado de surpresas, de vários tipos! A mais interessante delas foi a confirmação de duas exposições, no Brasil, que serão realizadas em Brasília, de 24 a 29 de outubro, ambas no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Uma, a “BRASÍLIA-2017 SPECIALIZED WORLD STAMP EXHIBITION”, exposição internacional FIP e a outra, a “BRAPEX – 2017”, XIII Exposição Filatélica Brasileira, com caráter nacional.

Também poderá ser notado que esta edição do Boletim da AFSC está, relativamente, mais volumosa. Dois aspectos justificam o aumento na quantidade de páginas: o adensamento de artigos produzidos por colaboradores e o aumento nos espaços destinados aos anúncios de comerciantes. Este último de fundamental importância. Esperamos que a disponibilização desses espaços, que depende da demanda dos comerciantes, seja potencializada nas próximas edições.

Na nossa Sede, passaram a ocorrer as palestras de colecionadores, com periodicidade mensal, conforme anunciamos no boletim anterior. Todas estão sendo bem aceitas e elas continuarão a acontecer.

O Encontro de Colecionadores promovido pela AFSC, deste agosto de 2017, teve um incremento de 20 % de mesas reservadas. Anunciamos ainda que foi criada uma comissão com o objetivo de propor e coordenar as atividades de comemoração dos 80 anos de fundação da AFSC, em 2018.

Demétrio Delizoicov Neto
Presidente da AFSC

ÍNDICE GERAL

O Meio Circulante[1] *no início do Século XX e a "Série Francesa"*

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)

Figura 1 – Anverso da cédula de 5 mil-réis da 10ª estampa (1904-1921), 170 mm x 82 mm, letras A-F, séries 1ª a 20ª?[2] (P.19; R090). À esquerda, temos uma mulher sentada de perfil (Alegoria da República). As cédulas foram impressas em papel filigranado; temos ao centro, em uma faixa, 5000 REIS e, no canto superior direito, as letras RB entrelaçadas. Impressão: Banco da França (BdF). Concepção e desenho: *Georges Duval*; Gravura: Émile *Crosbie*.

Introdução

Nos primeiros anos do Século XX, o Governo brasileiro tentou diversificar o fornecimento de papel-moeda mandando imprimir suas cédulas na Inglaterra e na França e, posteriormente, na Itália.

Para situar as emissões da chamada "Série Francesa", faremos uma pequena retrospectiva sobre as cédulas emitidas pelo Tesouro Nacional[3], desde 1827, quando assumiu a responsabilidade pelas emissões do Governo.

1 Denomina-se meio circulante o conjunto de cédulas e moedas em circulação no país em uma determinada época. Aqui trataremos apenas das cédulas emitidas pelo Tesouro Nacional e pela Caixa de Conversão, deixando de lado as moedas e ainda as cédulas emitidas pelos bancos privados.

2 Conhecemos apenas até a série 20ª, letra F, baseada na observação das cédulas. Os catálogos não trazem nenhuma informação a este respeito.

3 O Tesouro Nacional era o órgão responsável pelas emissões governamentais antes da criação do Banco Central na década de 60.

Com exceção das primeiras emissões do Tesouro Nacional (cédulas para o recolhimento das moedas de cobre) em 1828, todas as demais cédulas foram impressas no exterior. Foram apenas duas empresas que se ocuparam desse trabalho no período Imperial, a saber: a *Perkins, Bacon & Petch (PB&P[4])* inglesa (de 1835 a 1869) e a *American Bank Note Company de Nova York* (ABNCo.), desde 1870.

Até 1869, apenas a empresa inglesa imprimia as cédulas para o Tesouro Nacional, sendo que todas as estampas eram unifaciais, seguindo o que se fazia na Inglaterra com as cédulas da libra esterlina. Assim, de 1835 até 1869, as cédulas vinham de Londres.

Em 1870, a ABNCo. começou a fornecer as cédulas para o Brasil. Os motivos da mudança foram vários. O que podemos notar é que as novas cédulas eram mais modernas e uniformes, bifaciais, impressas em maior número de cores e motivos e, acreditamos, bem mais seguras em relação às falsificações.

A ABNCo. possuía o que havia de melhor em matéria de cédulas bancárias[5], sendo que, naquela época, havia muito pouca concorrência nessa área. Dos concorrentes sérios, podemos mencionar apenas a *Wartelow & Sons Limited de Londres (W&S)*.[6] Havia outras impressoras como a *Bradbury Wilkinson & Company Limited* (BWC)[7], a *Thomas de La Rue* (TDLR)[8], a *Giesecke Devrient* (G&D)[9], a *Joh. Enschede en Zonen* (JEZ)[10] e ainda o *Banque de France* (BdF), que imprimia as cédulas da França e das Colônias e eventualmente para outros países, como veremos.

De 1869 até 1899, o Tesouro Nacional fez encomendas regulares à ABNCo. de todos os valores. Depois dessa data, o fornecimento pela empresa continuou, ou seja, as estampas que haviam sido realizadas continuaram a ser entregues, mas percebemos que houve uma espécie de "moratória" em relação à encomenda de novas estampas, isso até 1907. Nesse período, o Tesouro Nacional ensaiou com outras empresas o fornecimento de cédulas. Os motivos? Como veremos, os altos preços praticados pelo fornecedor americano.

Ensaiou-se, assim, com a BWC, em 1899/1900, a impressão de oito novas estampas. Nesse mesmo sentido, em 1901, recorreu-se ao Banco da França para a impressão de diversos valores, como veremos detalhadamente. Além da impressão de cédulas, contratou-se com a França o envio de uma máquina impressora de papel-moeda, da mesma marca utilizada pelo Banco da França, e ainda, o envio de técnicos para operá-la e para "ensinar" o seu funcionamento aos técnicos da Casa da Moeda.

De 1903 a 1908, foram impressas 17 estampas, sendo que 8 foram impressas pelo próprio Banco da França (BdF) em Paris e 7 foram impressas no Brasil, pela CMRJ, com material

4 Em 1852, a *PB&P* passou a se chamar *Perkins Bacon & Co. (PB&Co.)*.

5 Pelo menos no que diz respeito às empresas privadas e principalmente no quesito segurança.

6 Havia ainda os fabricantes públicos, por exemplo, o *Bureau of Engraving and Printing* (BEP) dos Estados Unidos e o *Bank of England*, estes ocupados, primordialmente, com as respectivas divisas nacionais.

7 Sociedade inglesa criada em 1850, por Henry Bradbury, que, em 1903, foi adquirida pela *American Bank Note Company* (ABNCo.) e mantida como empresa filial. Em 1986, ela foi vendida e incorporada à empresa inglesa *De La Rue*, antiga *Thomas de La Rue & Company (TDLR)*.

8 Sociedade inglesa, hoje *De La Rue*. Tornou-se, posteriormente, uma grande concorrente da ABNCo. e é hoje uma das maiores empresas do ramo, senão a maior.

9 Empresa alemã de Leipzig, criada em 1832. Após a 2ª Guerra Mundial, ela foi transferida para Munique.

10 Empresa holandesa de Haarlem, criada em 1703.

e técnicos vindos da França e outras 2 foram adaptadas das cédulas impressas na França, pela CMRJ, através de superimpressão, para as primeiras emissões da Caixa de Conversão.

Para finalizarmos esta retrospectiva e passarmos à análise das cédulas da "Série Francesa", temos que, a partir de 1914 até 1918, o Tesouro Nacional também encomendou à *Cartiere P. Milani* (CPM), na Itália, a impressão de 6 estampas. A longo termo, todas essas tentativas não lograram êxito[11]. Analisaremos aqui apenas a impressão da "série francesa".

A "Série Francesa"

Figura 2 – Anverso da cédula de 10 mil-réis da 9ª estampa (1903-1922), 198 mm X 90 mm, letras A-D, séries 1ª a 7ª?[12] (P.31; R102). À direita, temos uma mulher sentada (Alegoria da República) ao lado de um menino (Alegoria do Comércio). As cédulas foram impressas em papel filigranado; temos ao centro, em uma faixa, 10000 REIS e, no canto superior esquerdo, uma mulher de perfil (Alegoria da República). A Impressão foi realizada pelo Banco da França (BdF). Concepção e desenho: *Georges Duval*; Gravura: *Jules Huyot*. (imagem cedida pelo Museu de Valores do Banco Central).

Na obra de *Julius Meili*, *"O Meio Circulante no Brasil - Parte III, A Moeda Fiduciária no Brasil*", cuja 1ª edição data de 1903, na *"lista final"*, que trata do *"papel-moeda legalmente em circulação no fim de dezembro de 1900*[13]", temos:

> *"Ultimamente o Governo mandou fabricar umas notas em Paris. As primeiras, de 10$000 da 9ª estampa, foram emitidas no Rio de Janeiro*

11 Na década de 20, temos ainda a tentativa de produzir as cédulas do Tesouro Nacional pela Casa da Moeda. No entanto, não se conseguiu substituir o fornecedor americano. De qualquer forma, todas essas tentativas foram louváveis, diante da dificuldade de se resolver a questão.

12 Conhecemos apenas até a série 7ª baseada na observação das cédulas. Os catálogos não trazem nenhuma informação a este respeito.

13 A lista vai um pouco além dessa data, ou seja, até 1° de dezembro de 1903.

> *em 1° de dezembro de 1903. São artisticamente desenhadas por **Georges Duval**, cujo nome trazem, e diferem muito de todas as que circularam até agora no Brasil"*. (*op. cit*. p. 128) *(grifo nosso)*[14]

Podemos notar vários detalhes interessantes nessa informação, entre eles, que as cédulas de 10$000 réis da 9ª estampa haviam sido emitidas em 1° de dezembro de 1903[15]; que haviam sido ***desenhadas*** por *Georges Duval* e que diferiam muito das outras que circulavam no país[16].

Para efeito de comparação dos textos, em 1962, Antonio Pimentel Winz, que era conservador do Museu Histórico Nacional, na matéria intitulada *"Iconografia do Rio de Janeiro segundo a Coleção Fiduciária existente no Museu Histórico Nacional"*, publicada nos Anais do Museu Histórico Nacional, Vol. X, 1949 (publicado em 1959), p.81-262, teceu comentários acerca das paisagens do Rio de Janeiro constantes no anverso da cédula de 5$000 réis (P.19; R090), veja figura 1, temos:

> "Cara de Cão, Pão de Açúcar e Urca (Fig.III)
> 5$ - Tesouro Nacional (República) - 11ª estampa – Série 2ª – Letra E - N° 000,872 – ***Impresso em Paris e desenhado por Georges Duval. Também chamada Série Francesa."*** (*op. cit*. p. 91) (grifo nosso)

Assim, temos cédulas *impressas em Paris* e *desenhadas* por *Georges Duval* e denominadas da *"Série Francesa"*.

Ainda em 1965, no livro *"Cédulas Brasileiras da República, Emissões do Tesouro Nacional"*, uma edição do Banco do Brasil, cujo organizador foi F. dos Santos Trigueiros, temos em relação à cédula de 10$000 réis da 9ª estampa:

> *"Ano de emissão: 1903; Perdeu o valor em 1922;* ***Fabricante: Georges Duval Inv. et Del. Jules Huyot Sculp.****"* (*op. cit*. p. 39).

Nesta última, por equívoco, o desenhista virou fabricante. Assim, tudo o que se escreveu posteriormente traz como fabricante ***Georges Duval***, contanto até com abreviações "GD", "GDEC" e outras ainda, deixando entender que se trata de uma empresa.

Não satisfeitos com essas informações, como sempre, pesquisamos...

Como veremos, **não existe a empresa *Georges Duval***, eis que ele era um ***desenhista*** que realizou diversos trabalhos para o Banco da França. Os outros dois, Émile *Crosbie* e *Jules Huyot*, eram ***gravadores***, e também realizaram diversos trabalhos no mesmo período para o Banco da França, no final do Século XIX e início do Século XX.

---

14 Esta transcrição comporta elementos de atualização ortográfica.

15 Efetivamente, o edital da Caixa de Amortização referente à cédula de 10.000 réis da 9ª Estampa foi publicado no Diário Oficial da União em 25 de novembro de 1903, p.3424, informando que essas cédulas entrariam em circulação em 1° de dezembro de 1903.

16 As cédulas impressas pela ABNCo. traziam um *design* neoclássico e as impressas na França, renascentista.

Assim, nas margens das cédulas da *"Série Francesa"* aparecem dois nomes seguidos de abreviações latinas, quais sejam: GEORGES DUVAL **INV & DEL** e ÉMILE CROSBIE **SC** ou GEORGES DUVAL **INV & DEL** e JULES HUYOT **SCULP**.[17] Ainda foi empregada a abreviação **FEC**. Abreviações como essas foram utilizadas em diversas cédulas impressas pelo Banco da França, no século XIX e até os anos 30/40 do Século XX, para indicar a autoria dos trabalhos.

Significado destas abreviações:

INV.: do latim *"invenit"*, o artista que inventou, ou seja, o criador do motivo do desenho.

DEL.: do latim "*delineavit"*, aquele que desenhou.

SC ou **SCULP.**: do latim *"sculpsit"*, aquele que esculpiu, no caso aquele que gravou a placa de impressão[18].

FEC.: do latim *"fecit"*, aquele que fez, abreviação utilizada para designar aquele que inventou (INV.) e desenhou (DEL.). Esta abreviação é recorrente nas cédulas francesas e nas demais cédulas impressas pelo Banco da França para outros países, inclusive para o Brasil.

O Banco da França se diferia dos demais impressores da época, por colocar o nome dos artistas e não o da empresa na margem das cédulas. Vejamos:

Figura 3 – De cima para baixo, temos: as marcas das empresas impressoras: ***Perkins Bacon & Co. London...***; ***American Bank Note Company*** e ***Bradbury Winkinson & Co. Ld...,*** marcas estas constantes nas margens das cédulas e que correspondem às empresas impressoras de papel-moeda para o Tesouro Nacional, desde o Império até o início do Século XX. A quarta e última traz o nome daquele que concebeu e criou o desenho (GEO - DUVAL - INV. et FEC) e o nome daquele que realizou a gravação da placa (EMILE CROSBIE - SC.), típico das cédulas impressas pelo Banco da França, no Século XIX e início do Século XX.

17 Além de pequenas variações nessas abreviações, em algumas das cédulas impressas no Brasil, com material francês, aparece também a seguinte inscrição: "CASA DA MOEDA – RIO DE JANEIRO".

18 Incluída também a gravura em madeira.

Figura 4 – Reverso da cédula de 25 francos (P.8) ND 1920-44, de Guadalupe. Impressor: Banco da França (BdF). Na margem, podemos ver os mesmos artistas das cédulas brasileiras, qual sejam, *Georges Duval – INV. E DEL*[19] (concepção e desenho) e *Emile Crosbie SC* (gravador). Nota-se que o motivo central que contém as letras RF (República Francesa) entrelaçadas é semelhante ao da cédula brasileira (figura 2) em que temos RB (República do Brasil).

Como não encontramos, na atualidade, referências explícitas no que concerne ao impressor dessas cédulas, dedicamos um espaço maior a esse tema, mesmo porque ele acaba por incluir as demais informações sobre o assunto.

Como quem procura acha, encontramos a resposta à questão sobre o impressor, bem como a muitas outras, nos Relatórios do Ministério da Fazenda, aos quais passamos a nos referir.

Os Relatórios do Ministério da Fazenda (1901-1909)

Nos relatórios do Ministério da Fazenda referentes ao ano de 1901[20], publicados em 1902, o então Ministro da Fazenda Joaquim Murtinho (1898-1902) relatou ao então Presidente da República Campos Sales (1898-1902):

"No relatório do ano de 1900 vos expus os motivos que me demoveram a

19 Não temos muitas notícias concernentes ao desenhista *Georges Duval*. Encontramos, entretanto, o ano de seu falecimento, 1915. Seus desenhos continuaram a ser utilizados após sua morte, como nessa cédula de Guadalupe, a partir de 1920.

20 *Brasilian Govermment Documents - Ministerial Reports (1821-1960): Fazenda. Latin American Microfilm Project (LAMP), Center for Research Libraries (CRL), Chicago.* (http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/fazenda).

mandar fabricar na Europa, não só as estampilhas destinadas ao imposto do selo e ao de consumo, que eram aqui fabricadas, mas também ***as próprias notas do Tesouro***.
Efetivamente, à vista das propostas que para esse fim me foram apresentadas pelo Diretor da Sociedade Anônima, que gira em Londres sob a firma ***Bradbury, Wilkinson & Comp., Limited***, e que, devidamente examinadas sob todas as suas faces, foram consideradas garantidoras dos interesses do Tesouro, tanto no que diz respeito à perfeição com que deve ser executada a parte gráfica desse trabalho, ao papel e às tintas a empregar, ***como ao seu custo, que é muito menor do que o da fabricação nos Estados Unidos da América do Norte*** e das estampilhas nas oficinas da Casa da Moeda desta Capital, resolvi contratar com a mencionada firma o fornecimento, que está sendo feito regularmente.

(...)

Também, por despacho de 29 de maio do corrente ano, ***sob proposta de E. Lambert, desta Capital, representante das fábricas de papel-moeda, denominadas Papeteris du Marais, estabelecidas em Paris, fiz-lhe a encomenda de um milhão de notas de 10$000 e de igual quantidade das de 5$000 sob as seguintes condições:***
As notas serão em papel filigranado, semelhantes às do Banco da França, gravura burilada à mão, devendo a impressão ser feita pelo mesmo Banco.
O preço, compreendendo as formas para filigranas, será de £ 2.6.5 por milheiro de notas, as quais deverão vir acondicionadas em caixotes de madeira, forrados de zinco, e entregues na Alfândega desta Capital, livres de todas as despesas de frete, seguro, etc.¸
O pedido para a impressão no Banco da França já foi mandado fazer pelo intermédio do Ministro do Brasil em Paris". (pag. 18 e 19) (grifo nosso).

Como se vê nesse relatório, recorreu-se a outras empresas impressoras para as encomendas de papel-moeda destinadas ao Tesouro Nacional, que, como vimos, vinha utilizando apenas cédulas impressas pela ABNCo. de custo bem maior. Assim, encomendaram-se várias estampas à BWC e depois ao Banco da França. A "*Papeteris*[21] *du Marais"* era, na época, a fornecedora dos papeis destinados à impressão fiduciária do Banco da França.

As cédulas encomendadas eram as de 10$000 réis (P.31; R102) da 9ª estampa (figura 2) e a de 5$000 réis (P.19; R090) da 10ª estampa (figura 1). Encomendou-se um milhão de cédulas de cada valor.

No relatório de 1902, publicado em 1903, o então Ministro da Fazenda Leopoldo de Bulhões (1902-1906), apresentou ao então Presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906) as ponderações do Congresso Nacional sobre a impressão de papeis de valores:

21 Fábrica de papel.

“Para obter uma fabricação segura e garantida de selos do correio, estampilhas, ***notas de bancos***, apólices e debêntures de companhias, enfim tudo quanto abrange os ***papeis fiduciários ou de valor***, em circulação ou em cotação na Bolsa, o Exmo. Sr. Ministro da Fazenda deveria mandá-los fazer num dos estabelecimentos do Governo, debaixo da mais rigorosa fiscalização.

A Casa da Moeda é atualmente o estabelecimento mais apropriado para executar este serviço, pois possui em grande parte todo o material necessário e adequado para este gênero de trabalho, ***precisando apenas pequenas modificações, aumento de algum material e o concurso de um bom condutor-impressor, que se contrataria na Europa para fazer os trabalhos de impressão durante um ano, e ensinar, ao mesmo tempo, a dois ou três oficiais.***

Este estabelecimento está nas melhores condições de prestar grandes serviços ao país e ser uma fonte de renda para o Ministério da Fazenda, ***que assim se livraria da intervenção do estrangeiro nesses serviços.***

Depois de lutar com grandes dificuldades, depender de outros países, e serem vítimas constante dos fabricantes, os Governos chileno e argentino tomaram a acertada deliberação de instalar oficinas próprias para a fabricação e emissão de selos, estampilhas, papel selado e papel-moeda, procedendo da maneira seguinte:

1° Mandando vir o material necessário para galvanoplastia, acompanhado de um mestre galvanoplasta;

2° Importando o material para impressão, vindo igualmente um condutor-impressor em gravuras e galvanos;

3° Contratando, com as fábricas do *Marais,* todos os papéis necessários para essas diversas emissões, fazendo para este fim tipos especiais de papeis filigranados e únicos para cada um destes Governos;

4° Contratando, com a fábrica de tintas, cores e matizes especiais, adotados para cada modelo apresentado.

É preciso notar que os estabelecimentos denominados “Monedas” de Buenos Aires e Santiago do Chile não tinham instalações tão completas e perfeitas como a Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que é a única neste gênero na América do Sul.

Eis agora as modificações a fazer e os benefícios que resultariam de uma instalação perfeita e bem dirigida.

(...)

NOTAS DE BANCO

Para a impressão das notas bancárias do tipo e modelo que se estão fabricando em Paris, o mesmo material que serve para os selos e estampilhas pode ser utilizado, pois todo o trabalho depende de gravuras, galvanoplastia e impressão.

O Exmo. Sr. Ministro da Fazenda poderia, para facilitar ainda mais este serviço nos primeiros tempos, proceder da seguinte maneira:

1° Fazer executar os primeiros modelos das gravuras pelo mesmo artista, que fez os modelos das notas de 5$ e 10$ em Paris, e que viriam com os primeiros clichês em galvanos, e com a gravura em madeira, os quais ficariam nos cofres da Casa da Moeda, guardados pelo tesoureiro, porque com esta gravura em madeira pode-se reproduzir quantos galvanos se desejem, quando eles estão gastos pela impressão, não sendo por isso necessário fazer novas gravuras, o que é trabalho moroso e dispendioso.

Estes primeiros modelos, vindos de Paris, serviriam de tipos e modelos aos gravadores e desenhistas da Casa da Moeda, que por sua vez, vagarosamente estudariam outros modelos e desenhos para as notas futuras.

2° O papel seria o mesmo para todas as notas, mudando só o filigrano para cada valor, é dizer, em uns uma cabeça de República, e o valor da nota, em outros a cabeça de José Bonifácio ou qualquer outro *sujet* indicado pelo Sr. Ministro.

O papel viria todo pronto, do tamanho já calculado para a impressão; a fabricação deste papel seria feita com a fiscalização do fiscal do Banco da França e expedido com toda a segurança em caixas de zinco lacradas, diretamente para a Casa da Moeda, que o entregaria à impressão devidamente contado.

Para as tintas, meias tintas e combinações de cores, a mesma casa, que fornece para o Banco de França, para a República Argentina, etc., forneceria as combinações adotadas, as quais seriam invariáveis e inalteráveis. Esse seria o meio de facilitar aqui os trabalhos de impressão.

As principais modificações que se precisa para estes diferentes serviços são as seguintes:

Galvanoplastia – Esta seção carece de mais alguns aparelhos simples e de pouco custo, de maneira a poder reproduzir a gravura sobre madeira em galvanos de toda a nitidez e perfeição, que possam resistir bastante à impressão.

O chefe desta seção é pessoa habilitada e competente para este serviço; ele mesmo poderia indicar os aparelhos complementares de que tem necessidade, devendo, entretanto, a esta seção ser adicionado um dínamo especial de corrente elétrica para eletrólise, e colocá-lo em lugar espaçoso e claro.

Impressão – Concluídas as obras da Casa da Moeda, poder-se-á, em uma seção inteiramente separada, colocar todas as máquinas necessárias à impressão, numeração e corte das notas, sendo deste modo mais fácil a fiscalização e mais prático o serviço.

Para este fim bastam uma ou duas pequenas máquinas de impressão,

> que possam tirar de cada vez o formato correspondente a pouco mais de seis notas juntas de 500$000.
>
> A numeração poderá ser feita pelas mesmas máquinas de impressão, com o chassis numerador que existe na Casa da Moeda.
>
> Assinatura das notas – A assinatura das notas poderá ser feita por meio de pequenas máquinas, como se procede em todos os estabelecimentos congêneres. Seria uma grande economia de tempo e de dinheiro; a chancela ou rubrica poderia ser do Sr. Ministro da Fazenda ou do Inspetor da Caixa de Amortização e seria muito mais segura que a assinatura à mão. É sabido que a assinatura atual das notas não produz nenhuma garantia, nem pode servir ao público, sob o ponto de vista da fiscalização e da verificação, pois que nunca se tem em mão duas notas assinadas pela mesma pessoa.
>
> Toda garantia das notas deve, pois, residir na perfeição das mesmas, do papel filigranado, nas cores fixas, inalteráveis e negativas ao processo de reprodução fotográfica.
>
> Impressor – Um dos pontos essenciais é o Sr. Ministro da Fazenda autorizar a vinda, por meio de contrato, de um mestre impressor, de Paris. Para facilitar isto, as casas *Marinoni* ou *Lorilleux*, de Paris, que estão ligadas com todos os melhores estabelecimentos gráficos e oficinas do Governo, se incumbiriam de achar uma pessoa idônea e competente para este serviço, evitando assim contratar quem não preencha o fim desejado.
>
> As despesas seriam pequenas e o contrato poderia ser por um ano, tempo necessário para ensinar vários oficiais na Casa da Moeda.
>
> O Governo e o país lucrariam com esta medida, pois aqui, no Rio, não há impressor competente para impressões deste gênero. Julgo que, por mais ou menos 500$ mensais, se poderia obter um ótimo mestre impressor, que realçaria o trabalho feito na Casa da Moeda, proveria o país de oficiais impressores para o futuro, e faria que se aproveitasse ao mesmo tempo todo o material que está posto de lado, ou mal utilizado por falta de competência". (pag. 135-141) (grifo nosso).

Nesse relatório temos uma série de informações interessantes, entre elas destacamos: a vontade de se produzir as cédulas pela Casa da Moeda, livrando-se, assim, das encomendas estrangeiras. Contavam em importar o material e até mesmo contratar um técnico estrangeiro; fazer executar as gravuras pelos mesmos artistas dos modelos das cédulas de 5$000 e 10$000 réis, *Georges Duval*, Émile *Crosbie* e *Jules Huyot* e notícias concernentes aos métodos empregados para a gravação das placas de impressão das cédulas, quais sejam, gravura sobre madeira com emprego posterior da galvanoplastia (resultando em uma espécie de tipografia). A nosso ver, essa técnica era menos eficiente do que a calcografia em placas de metal, em que a cédula ficava sensível ao tato, como as de impressão americana.

No relatório de 1903, apresentado em 1904, temos informações concernentes às novas cédulas (5$000 e 10$000 réis), vejamos:

> “Desde mais de seis meses foram postas em circulação as novas notas fabricadas debaixo da fiscalização do Banco de França. Essas notas, se bem que não agradem à primeira vista, pelas suas cores, obedecem, entretanto, a um tipo de papel-moeda adotado em geral por todos os Governos europeus e americanos, como o papel-moeda circulante de maior garantia, devido à concepção e grande trabalho das gravuras feitas à mão e ***filigrana no papel***. Este, que aparece em si mais fraco que o das outras notas em circulação, é de qualidade mais compacta e resistente. ***O que ele não suporta é a amarrotação, por não ser ligado com trapo, coisa que não é possível fazer, por causa da filigrana.*** Para as cédulas de 100$, 200$ e 500$, que, em breve, devem entrar em circulação, foi modificado o tom opaco do papel, tendo-se adaptado cores que, certamente, agradarão. A demora que tem havido na remessa dessas notas novas tem sido devida justamente às grandes dificuldades que oferece a fabricação do papel. (pag. 112-114). (grifo nosso).

No relatório de 1904, apresentado em 1905, temos até mesmo a autorização dada para a contratação do artista impressor para a Casa da Moeda, para operar a máquina de impressão que havia sido adquirida, vejamos as demais informações desse relatório:

> “O artista contratado e chegado em setembro do ano findo, deu as melhores provas de alta competência, melhorando os serviços de impressão e modificando o sistema de trabalhar nas oficinas, de maneira a obter-se, aqui a pouco, oficiais impressores capazes de substituírem, sem prejudicar o bom funcionamento atual. São notórias a nitidez e perfeição da impressão atual das estampilhas, selos do Correio e selos do consumo.
>
> Em vista deste resultado e da necessidade da impressão das notas bancárias, a que se vai dar princípio proximamente, resolvi mandar renovar o contrato com o dito impressor por mais um ano.
>
> (...)
>
> Máquina para impressão de papel-moeda
>
> Conjuntamente com a máquina especial, que mandei encomendar para a impressão das notas bancárias, deve vir o papel filigranado especial para fazer-se aqui a impressão das notas bancárias de 5$000 e 10$000, de maneira a ficar habilitada a Casa da Moeda a fabricar com a maior rapidez, nas substituições, as notas necessárias para a Caixa de Amortização.
>
> Notas Bancárias
>
> Tem dado o melhor resultado as novas notas bancárias em circulação, faltando chegar ainda os novos modelos de 20$ e 50$, que foram demorados na fabricação em razão do novo modelo escolhido, complicando ainda mais

as filigranas, os dizeres *"Thesouro do Brasil[22]"* isto para evitar que os fabricantes de papeis dos diversos países sejam iludidos, desconhecendo o destino dos papeis, em filigrana, que lhes foram pedidos.

A nota de dez mil-réis, sobretudo, tem dado grande prova do seu valor artístico e concepções de gravuras; apesar de estar já há dois anos em circulação, as cores mostram-se fixas e inalteráveis.

(...)

As notas de cem mil-réis, que têm sido grosseiramente imitadas, foram logo descobertas, devido à imperfeição da filigrana, tendo isto servido de lição ao público, que começou logo a precaver-se contra os falsários, verificando sempre as filigranas das notas.

Pelas investigações a que procederam o Governo e os diretores das *Papeteries du Marais*, tem-se por certo que as notas imitadas foram feitas em Valência, na Espanha, onde a polícia conseguiu prender uma quadrilha de falsificadores, que operava com um material dos mais modernos, importando mais ou menos em 500.000 pesetas.

pag. 133-136.

No relatório de 1905, apresentado em 1906, temos:

"Montou-se a grande máquina ***Marinoni***, construída precisamente para impressão de notas bancárias, apólices e outros papeis de valores.

Esta máquina é a terceira que se fabrica; a primeira está no Banco da França, a segunda na casa *Chaix & Comp.*, fabricantes de ações, títulos de companhias, notas para bancos, etc.; a terceira foi construída para o Governo Brasileiro.

Estão sendo montados os galvanos, vindos do Banco da França, para impressão.

Uma parte dos papeis de diversos valores de notas já chegou e, para obter rigorosa igualdade de impressão e cores nas notas, veio também da França, incumbido pela fábrica, um preparador químico, encarregado de preparar as tintas para a impressão das notas na Casa da Moeda. Por este modo, o resultado deve forçosamente ser excelente.

Quanto ao papel das notas atuais, tão sujeito à crítica, cumpre dizer que, se bem que não reúna a flexibilidade à resistência, é uma severa garantia para a circulação; isto mesmo provam as notas em circulação há mais de três anos, sem que as possam imitar os falsificadores. (pg.145) (grifo nosso).

No relatório de 1906, apresentado em 1907, o Ministro da Fazenda David Campista trata da impressão e adaptação dessas cédulas para a Caixa de Conversão, vejamos:

---

22 Em todas as cédulas da *"Série Francesa"*, o nome Brasil foi grafado com "z".

“*De 1° de dezembro de 1906 a 28 de fevereiro de 1907 a Casa da Moeda imprimiu 206.000 notas de 10$000, 127.500 de 20$000, para a Caixa de Conversão e fez a adaptação de notas do Tesouro para a mesma Caixa sendo 199.518 de 100$000 e 299.173 de 500$000, na importância total de 174.148:300$000.*

Desde março está aquela repartição imprimindo notas do Tesouro, de diversos valores, conforme determinação deste Ministério.

É a primeira vez que este serviço é confiado à Casa da Moeda e o seu desempenho é satisfatório.

Dotando-se aquele estabelecimento dos melhoramentos de que carece, cuja falta se tem manifestado na execução de trabalhos de certa importância, poderia, com vantagem, ser-lhe cometido todo o fabrico do papel-moeda destinado à circulação”. (pags. 235-238) (grifo nosso).

Figura 5 – Anverso do bilhete de 500 mil-réis da 8ª estampa (1906-1931), da Caixa de Conversão, aproveitado do Tesouro Nacional. Bilhete impresso pelo Banco da França e depois adaptado pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro através da aplicação de superimpressão[23]. Os nomes dos artistas aparecem na margem inferior, *Georges Duval* (desenhista) e *Emile Crosbie* (gravador). Temos em uma moldura renascentista as alegorias da agricultura e do comércio. (imagem cedida pelo Museu de Valores do Banco Central).

No relatório de 1907, apresentado em 1908, temos:

23 “Na Caixa de conversão” seguido de – faixa encobrindo os dizeres “No Thesouro Nacional” (...) “Valor Recebido em ouro de acordo com a Lei N°1575 de 6 de dezembro de 1906”

“Notas do Tesouro
Continuou a ser feita nesta oficina a confecção de notas do Tesouro, de pequenos valores.
Foram impressas:

1.242.170 de **5$000**	6.210:850$000
1.141.970 de **20$000**	22.839:400$000
210.000 de **50$000**	10.500:000$000
	39.550:250$000

(p.98) (grifo nosso).

Finalmente, no relatório de 1909, apresentado em 1910, temos que haviam sido recebidas da Casa da Moeda 294.000 cédulas de 5$000 e 20$000 réis e ainda que a ABNCo., no mesmo período, havia entregue 2.800.000 cédulas de 5$000, 10$000 e 100$000 réis.

Figura 6 – Reverso do bilhete de 20 mil-réis da 1ª estampa (1906-1931), da Caixa de Conversão. Este bilhete foi impresso pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro com material e técnicos vindos da França. No detalhe, o Farol da Barra em Salvador, Bahia. (imagem cedida pelo Museu de Valores do Banco Central).

Os relatórios posteriores são silenciosos a respeito da impressão das cédulas pela Casa da Moeda e do destino da impressora e dos técnicos vindos da França.

Aqui, a questão nos parece simples, o Ministério da Fazenda não tinha a mínima ideia da complexidade da produção de papel-moeda e, como não havia comunicação e interação entre os conhecedores do assunto e o executivo (talvez ainda hoje não haja), adquiriu-se um maquinário, contrataram-se técnicos estrangeiros, mas não se cuidou da formação de técnicos nacionais, o que demandaria muito mais do que os seis meses idealizados pelo Ministro. Se pensarmos no

caso de *Sukeichi Oyama* [24], gravador japonês, que foi enviado aos Estados Unidos para concluir sua formação no *Bureau of Encraving and Printing* (BEP) e depois foi contratado pela ABNCo., onde adquiriu grande experiência, retornando depois ao Departamento de Impressão do Japão, do qual veio a se tornar chefe. Veremos que, no Brasil, a situação foi bem diferente.

No Brasil de 1900, uma sociedade recém saída da escravidão, o trabalho manual, mesmo que especializado, não tinha muito valor aos olhos da elite oligárquica.

As cédulas da "Série Francesa", apesar de, a nosso ver, serem superiores no plano artístico às da ABNCo., no quesito segurança deixavam a desejar. Foram amplamente falsificadas, eis que, apesar de possuírem marca d'água, o método de impressão era parecido com o tipográfico, ou seja, as cédulas ficavam lisas ao tato e podiam ser copiadas com certa precisão pelo processo da litografia. Além do mais, no início do século, poucos sabiam o que era uma marca d'água e mesmo em algumas cédulas consideradas falsas pudemos notar a presença da marca d'água.

Figura 7 – Anverso da cédula de 5 mil-réis da 12ª estampa do Tesouro Nacional (P.21; R092), Série B, N° 042, 546, 1908-1920 (Falsa da época), apresenta três carimbos de "Falsa". As originais foram impressas na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, com material vindo da França.

As encomendas continuaram a ser feitas à ABNCo. e, depois, também à *Thomas de La Rue* até 1970, quando a Casa da Moeda foi, enfim, capacitada para a produção em grande escala das cédulas brasileiras.

Atualmente, a Casa da Moeda do Brasil, mesmo sendo amplamente capaz de produzir cédulas para as necessidades do país e mesmo para exportação[25] em algumas ocasiões "especiais[26]", viu as encomendas serem realizadas[27] a empresas estrangeiras, como a *G&D* (*Giesecke & Devrient*),

24 Veja a matéria *"Joaquim Murtinho e o caso da Cédula de 2 mil-réis de 1900,* de nossa autoria, publicada no Boletim da AFSC, n°63 de março de 2011, p.4-19.

25 Veja a matéria *"Casa da Moeda do Brasil – Produção de cédulas para o Mercado Externo",* de nossa autoria, publicada no Boletim da AFSC n°64 de agosto de 2011, p.4-9.

26 Existe uma previsão legal para a importação de cédulas em caso de "emergência".

27 No caso, as encomendas são realizadas pelo órgão emissor, qual seja, o Banco Central.

alemã e a *FCOF* (*François-Charles **Oberthur** Fiduciaire*), francesa.

Em 2016, foram encomendadas 100.000.000 de cédulas de 2 reais à empresa *Crane AB*[28], da Suécia.

Figura 8 – Reverso da cédula de 5 mil-réis da 12ª estampa do Tesouro Nacional (P.21; R092), Série B, N° 042, 546, 1908-1920 (Falsa da época). As marcas d'água ou filigranas são perceptíveis, mesmo sendo falsificadas.

Detalhes das cédulas da "Série Francesa"

Como vimos, de 1903 a 1908 foram impressas 17 estampas referentes à série dita "Série Francesa". Vejamos:

Foram 7 valores (5,10, 20, 50, 100, 200 e 500 mil-réis) e 8 tipos de cédulas, eis que da cédula de 100 mil-réis existem duas estampas diferentes.

Assim, das cédulas de 5 mil-réis, temos três estampas semelhantes (estampas 10ª, 11ª e 12ª), sendo que a 10ª foi impressa pelo BdF e a outras duas na CMRJ, com material e técnicos vindos da França. Existem diferenças na cor. Nas impressas no Brasil, não consta o nome do desenhista e nem do gravador.

Das cédulas de 10 mil-réis, temos três estampas semelhantes (estampas 9ª, 10ª e 1ª), sendo que a 9ª estampa foi impressa pelo BdF e as outras duas pela CMRJ, com material e técnicos vindos da França. Existem diferenças nas cores. Nas cédulas da 10ª estampa, impressas pela CMRJ, aparece, além dos nomes do desenhista e do gravador, a indicação de que a cédula foi impressa pela "Casa da Moeda – Rio de Janeiro", na margem do anverso. Os bilhetes da 1ª estampa da Caixa de Conversão foram "aproveitados" se é que podemos assim dizer, eis que a

28 Em 2002, a empresa *Crane & Co*, de Boston, empresa fundada em 1801 (com 216 anos), que é a fornecedora de papel para o *Bureau of Engraving and Printing* (BEP), ou seja, para a produção do dólar americano, comprou a Companhia *Tumba Bruk* do Banco Central da Suécia (Riksbank), passando esta a operar como subsidiária da *Crane & Co*. com o nome de *Crane AB*.

CMRJ utilizou do material da 10ª estampa[29], e imprimiu os bilhetes com cores diferentes, retirando da margem a indicação "Casa da Moeda – Rio de Janeiro" e, ainda, acrescentando os dizeres: "NA CAIXA DE CONVERSÃO ...VALOR RECEBIDO EM OURO... DE ACORDO COM A LEI Nº 1575 DE 6 DE DEZEMBRO DE 1906". Ficaram parecidos com as da 9ª estampa, por não conter a marca da CMRJ, daí a confusão nos catálogos. Assim, estes bilhetes foram impressos no Brasil pela CMRJ, em quantidade pequena, sendo que foram impressos 206.000, dos quais 451 inutilizados e efetivamente emitidos 205.549.

Das cédulas de 20 mil-réis, temos três estampas semelhantes (estampas 10ª, 11ª e 1ª), sendo que a 10ª estampa foi impressa pelo BdF e as outras duas pela CMRJ com material e técnicos vindos da França. No que concerne às cores, as cédulas da 10ª e 11ª são semelhantes. Nas cédulas da 11ª estampa, impressas pela CMRJ, aparece, além dos nomes do desenhista e do gravador, a indicação de que a cédula foi impressa pela "Casa da Moeda – Rio de Janeiro", na margem do anverso. Os bilhetes da 1ª estampa da Caixa de Conversão foram "aproveitados" se é que podemos assim dizer, eis que a CMRJ utilizou do material da 11ª estampa[30] e imprimiu os bilhetes com cores diferentes e retirou da margem a indicação "Casa da Moeda – Rio de Janeiro" e ainda acrescentou os dizeres: "NA CAIXA DE CONVERSÃO ...VALOR RECEBIDO EM OURO... DE ACORDO COM A LEI N. 1575 DE 6 DE DEZEMBRO DE 1906". Ficaram parecidos com os da 10ª estampa, por não conter a marca da CMRJ, daí a confusão nos catálogos. Assim, esses bilhetes foram impressos no Brasil pela CMRJ, em quantidade pequena, sendo que foram impressos 127.500, dos quais um foi inutilizado e efetivamente emitidos 127.499.

Figura 9 – Anverso da cédula de 20 mil-réis da 11ª estampa (1907-1922), do Tesouro Nacional. Esta cédula apresenta na margem, além do nome dos artistas, a indicação de que foi impressa na "Casa da Moeda – Rio de Janeiro". (imagem cedida pelo Museu de Valores do Banco Central).

29 E não os da 9ª estampa, que foram impressos em Paris.
30 E não os da 10ª estampa, que foram impressas em Paris.

Nas cédulas de 50 mil-réis temos duas estampas semelhantes (estampas 9ª e 10ª), sendo que a 9ª estampa foi impressa pelo BdF e a 10ª pela CMRJ com material e técnicos vindos da França. As quantidades impressas são incertas, sendo que, por estimativa, foram cerca de 200.000 cédulas de cada estampa.

As cédulas de 100 mil-réis da 9ª estampa foram impressas pelo BdF apenas. Verificamos a existência de pelo menos 3 séries.

As cédulas de 100 mil-réis da 10ª estampa do Tesouro Nacional e da Caixa de Conversão são semelhantes, eis que as da Caixa de Conversão foram aproveitadas através de superimpressão. Essas cédulas foram impressas pelo BdF e utilizadas para a emissão do Tesouro e adaptadas pela CMRJ para a emissão provisória da Caixa de Conversão.

As cédulas de 200 mil-réis da 10ª estampa do Tesouro Nacional foram impressas pelo BdF apenas. Verificamos a existência de pelo menos 4 séries.

Finalmente, as cédulas de 500 mil-réis da 8ª estampa impressas pelo BdF, temos duas estampas semelhantes, a do Tesouro Nacional e a da Caixa de Conversão, que foi adaptada pela CMRJ através de superimpressão. A estimativa para estas emissões é de cerca de 400.000 por estampa.

Repercussão da "Série Francesa" nas cédulas impressas pela Casa da Moeda nos anos 20

Nos anos 20, a Casa da Moeda do Rio de Janeiro produziu diversas estampas pelo método xilográfico[31] e os valores de 10 (P.37; R108), 20 (P.47; R118), 50 (P.55: R126) e 200 (P.151; P.80) mil-réis possuem nos reversos, nos cantos inferiores direito e esquerdo do desenho, as seguintes gravações em micro-caracteres: nas de 10 e 20 mil-réis, "GRAV. BORGES e DEZ. F. CASTRO"; nas de 50 mil-réis "DEZ. F. CASTRO e GRAV. BORGES" e nas de 200 mil-réis "PAIVA DEZ. E GRAV e Casa da Moeda".

Assim, da mesma forma que as cédulas da "Série Francesa", a Casa da Moeda registrou os nomes do gravador e dos desenhistas, como pode ser visto claramente nos reversos.

Figura 10 – Detalhe do reverso da cédula de 50 mil-réis da 15ª estampa do Tesouro Nacional (P.55; R126) em que se pode observar, à direita, o nome do desenhista F. Castro e do gravador, à direita, Borges.

31 Veja sobre este assunto a matéria intitulada "A Padronização do Mil-Réis (1918-1942), publicada no Boletim da AFSC n° 69, de março de 2015, p.4-22.

Quadro Geral das Emissões

Cédulas impressas pelo BdF (Banque de France) e pela Casa da Moeda do Brasil (CMBRJ) para o Tesouro Nacional, no início do Século XX. Algumas estampas foram aproveitadas e outras adaptadas através de superimpressão para as primeiras emissões da Caixa de Conversão. As cédulas são classificadas por ordem de emissão e de valores.

1. 10 mil-réis	9ª A-D	1903-1922	1ª à 7ª	1.000.000	198 mm X 90 mm	BdF
2. 5 mil-réis	10ª A-F	1904-1921	1ª à 20ª	1.000.000	170 mm X 82 mm	BdF
3. 100 mil-réis	9ª A-D	1904-1909	1ª à 3ª		199 mm X 100 mm	BdF
4. 500 mil-réis	8ª A-D	1905-1929	1ª à 2ª		209 mm X 110 mm	BdF
5. 20 mil-réis	10ª A-D	1905-1922	1ª à 8ª		190 mm X 91 mm	BdF
6. 200 mil-réis	10ª A-?	1905-1922	1ª à 4ª		204 mm X 104 mm	BdF
7. 50 mil-réis	9ª A-?	1906-1922	1ª à 2ª		195 mm X 97 mm	BdF
8. 5 mil-réis	11ª A-E	1907-1920	1ª à 7ª	700.000	170 mm X 80 mm	CMBRJ
9. 10 mil-réis	10ª A-E	1907-1922	1ª à 3ª	250.000	198 mm X 91 mm	CMBRJ
10. 20 mil-réis	11ª A-K	1907-1922	1ª à 15ª	1.500.000	189 mm X 91 mm	CMBRJ
11. 100 mil-réis	10ª A-C	1907-1922	1ª à 3ª		200 mm X 100 mm	BdF
12. 5 mil-réis	12ª A-V	1908-1920	1ª à 11ª	1.100.000	166 mm X 80 mm	CMBRJ
13. 50 mil-réis	10ª A-C	1908-1922	1ª à 2ª	200.000	195 mm X 96 mm	CMBRJ
14. 10 mil-réis	1ª (10ª)	1906-1931		205.549	200 mm X 89 mm	CMBRJ
15. 20 mil-réis	1ª(11ª) A-B	1906-1931	1ª	127.499	195 mm X 90 mm	CMBRJ
16. 100 mil-réis	10ª	1906-1931	1ª à 2ª	198.426	200 mm X 100 mm	BdF e CMBRJ
17. 500 mil-réis	8ª	1906-1931	3ª à 4ª	298.189	209 mm X 110 mm	BdF e CMBRJ

Nas colunas temos na sequência: valor da cédula, a estampa e as letras, o ano de emissão e o de desmonetização, as estampas, a quantidade emitida por estimativa, as dimensões aproximadas e o impressor. No que concerne ao impressor (última coluna), temos que todas as cédulas foram desenhadas e gravadas na França, mesmo aquelas impressas na CMRJ. Indicamos apenas a CMRJ como impressora dessas cédulas, mas isso não quer dizer que ela realizou todo o processo, mas as cédulas foram efetivamente impressas por ela e no Brasil.

A catalogação das cédulas é a seguinte: 1. 10 mil-réis (P.31; R102); 2. 5 mil-réis (P.19; R090); 3. 100 mil-réis (P.63; R134) 4. 500 mil-réis (P.85; R156); 5. 20 mil-réis (P.42; R113); 6. 200 mil-réis (P.75; R146); 7. 50 mil-réis (P.51; R122); 8. 5 mil-réis (P.20; R091); 9. 10 mil-réis (P.32; R103); 10. 20 mil-réis (P.43; R114); 11. 100 mil-réis (P.64; R135); 12. 5 mil-réis (P.21; R092); 13. 50 mil-réis (P.52; R123); 14. 10 mil-réis (P.102A; R165); 15. 20 mil-réis (P.102C; R166); 16. 100 mil-réis (P.102E; R167) e 17. 500 mil-réis (P.102F; R168).

Bibliografia

- Brasilian Govermment Documents - Ministerial Reports (1821-1960): *Fazenda. Latin American Microfilm Project (LAMP), Center for Research Libraries (CRL), Chicago.* (http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/fazenda).

- ***Catálogo do papel-moeda do Brasil 1771-1986, emissões oficiais, bancárias e regionais.*** Violo Ídolo Lissa. Brasília: Editora Gráfica Brasiliense, 3ª edição, 1987.

- ***Cédulas Brasileiras da República. Emissões do Tesouro Nacional.*** F. Dos Santos Trigueiros (org.). Rio de Janeiro: Banco do Brasil. 1965.

- ***Cédulas do Brasil 1833 a 2011.*** Claudio Patrick Amato, Irlei Soares das Neves, Julio Ernesto Schütz, 5ª edição, 2011.
- ***Diário Oficial da União***, diversos.

- ***Dinheiro no Brasil.*** F. dos Santos Trigueiros, Leo Cristiano Editorial Ltda., 2ª edição, 1987.

- ***Editais da Caixa de Amortização***, diversos números entre 1903 e 1908.

- GRIFFITHS, Willian H***. The Story of American Bank Note Company.*** American Bank Note Company, New York, 1959.

- MAGAN, Ricardo M. ***American Bank Note Company Archives***, First Edition, 2005.

- MEILI. Julius. ***O Meio Circulante no Brasil - Parte III - A Moeda Fiduciária no Brasil, 1771 até 1900***. Zurique: Tipografia de Jean Frey, 1903.

- O Museu de Valores do Banco Central do Brasil. São Paulo: Banco Safra 1988.

- Iconografia do Meio Circulante, Banco Central do Brasil, 1972.

- Iconografia de Valores Impressos do Brasil. Brasília: Banco Central do Brasil, 1979.

- ***Standart Catalog of World Paper Money – General Issues*** (1368-1960), Krause Publications, 12th edition, Iola, 2008.

(*) Marcio Rovere Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: http://sterlingnumismatic.blogspot.ca

AFSC - Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
Reuniões semanais
às quintas-feiras (a partir das 18 horas) e aos sábados (a partir das 14h30min)
Vendas sob Ofertas mensais
(no último sábado de cada mês)

Anuncie neste boletim
1/3 de página - R$40,00 - meia página - R$60,00
página inteira - R$120,00

PARTICIPE! ASSOCIE-SE!

A falsificação que virou selo

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Lothar Malskat (3 de maio de 1913 – 10 de fevereiro de 1988) foi um pintor alemão e restaurador de arte. Em 1948, ele fazia parte do grupo de Dietrich Fey, cuja empresa foi encomendada para restaurar os afrescos da Catedral da Marienkirche (Igreja Evangelista de Santa Maria), no porto de Lübeck, no Báltico. A Catedral tinha sido severamente danificada em bombardeios da segunda guerra mundial.

A noite do domingo de ramos, de 1942, estava frio e sem nuvens sobre a cidade alemã de Lübeck. A lua refletindo sobre as águas portuárias, facilitou a tarefa dos 234 bombardeiros ingleses Wellington (figura 1A) e Stirling (figura 1B), que despejaram mais de 2.500 bombas incendiárias. Quase um quinto dos prédios da cidade foram destruídos ou seriamente danificados. Uma das bombas incendiárias atingiu a Marienkirche (figura 2). O cal que se desprendeu das paredes, revelou enormes figuras de santos, desconhecidas, posto estarem ocultas nas paredes há séculos. O telhado, destruído pela bomba, foi substituído.

Figura 1a

Figura 1b

Figura 2

Finda a guerra, dos afrescos medievais que estavam nas paredes, haviam sofrido danos, após anos de exposição, restando apenas traços tênues, estando praticamente desparecidos. Em 1947 resolveram que deveriam ser restaurados.

A Igreja recebeu doações, no valor de 150.000 DM para as obras de restauração. A companhia de Fey fez o trabalho, sempre com as portas fechadas. O trabalho durou três anos, findando em 2 de setembro de 1951, oportunidade em que se comemorava o 700º aniversário da construção da igreja. Os restauradores foram elogiados pelo seu bom trabalho. Era o símbolo de uma Alemanha reconstruída, um sinal de que apesar da devastação da guerra, o país poderia redimir-se. O Chanceler Federal Konrad Adenauer (figura 3), esteve presente na solenidade de "inauguração" da igreja.

Figura 3

O Correio alemão imprimiu, em off set, 2 milhões de selos (figura 4), retratando aqueles afrescos "medievais". Um verde de 10 + 5pf e um 20 + 5pf carmin, sendo lançados em 30 de agosto de 1951. Papel com filigrana 1W (DP com traços) e picotagem 13 3/4. Representada a tríade de Anunciação, que se encontrava na parede norte da nave, como seu tema central, representando um anjo ladeado por peregrinos.

Figura 4

No ano seguinte Malskat, 1952, anunciou que os afrescos eram uma criação sua.

Quando ninguém acreditou, disse a seu advogado para processar tanto Fey como a ele próprio. Os dois homens foram presos eventualmente. O julgamento começou em 1954. Provas incluíam outras falsificações do Malskat das obras de Marc Chagall e Toulouse-Lautrec.

Malskat disse, durante o julgamento, que quando tinha começado o trabalho, as paredes tinham sido quase vazias de afrescos. Ele provou tal fato, apresentando um filme retratando as paredes sem pintura. Em vez de restaurar os afrescos originais, Malskat tinha pintado as paredes de branco, com cal e passou a pintar ele próprio os afrescos. Novas fotos incluíam vários anacronismos, como por exemplo uma imagem de um peru, que não tinha atingido a Europa na época que dos afrescos originais haviam sido pintados. Malskat tinha várias figuras religiosas decalcado de sua irmã Freyda, atrizes como Marlene Dietrich e até figuras históricas como Rasputin e Gengis Khan, ambos com auréolas.

Fey foi condenado a 20 meses e Malskat a 18 meses de prisão.

Os afrescos foram lavados, e retirados das paredes da igreja.

Ficaram na lembrança apenas no registro filatélico.

Uma versão ficcional da pintura de Malskat, a respeito dos afrescos Marienkirche, aparece no romance de Günter Grass (figura 5), "O rato". Tema importante, como um símbolo da alegada corrupção da Alemanha, no pós-guerra.

Como as autoridades constataram posteriormente, a porção do afresco (figura 6), que tinha sido selecionada para o projeto do selo postal - e assim ser lembrada para a posteridade -, deveria ter sido de um verdadeiro exemplo da arte medieval. Na verdade ficou apenas a lembrança do trabalho de um charlatão moderno!

Figura 5

Figura 6

Sobre o "velho" da Quaker

Cezar Bolzan - Florianópolis, SC (*)

O atual logotipo da Quaker Oats Company, conhecido no Brasil como o ***"velho da Quaker"*** foi criado em 1957 por Haddon Sundblom.

Consta que o "homem Quaker" foi a primeira marca registrada da América para um cereal de pequeno-almoço, em 4 de setembro de 1877. O logotipo da Aveia Quaker tinha a figura de um "homem Quaker" representado de corpo inteiro, às vezes segurando um pergaminho com a palavra "Pure" escrita ao longo dele, que se assemelhava às xilogravuras clássicas de William Penn, filósofo do século XVII e quacre pioneiro.

A publicidade datada de 1909, de fato, identificava o "homem Quaker" como William Penn, e referiu-se a ele como "portador do padrão dos Quakers e de Aveia Quaker". Hoje, a empresa afirma que "O homem Quaker não representa uma pessoa real, sua imagem é a de um homem vestido de traje quaker, escolhido porque a fé quaker projetou os valores de honestidade, integridade, pureza e força".

A empresa não tem qualquer vínculo formal com a Sociedade Religiosa dos Amigos (Quaker). Quando a empresa estava prestes a ser criada, os fundadores da Quaker Mill eram conhecidos pela sua honestidade. Então, em 1877, Henry Parsons Crowell, ao ler um artigo em um jornal norte-americano sobre os quacres, percebeu que as qualidades descritas no artigo - integridade, honestidade, pureza - forneceriam a identidade necessária para o seu produto, e assim escolheu o nome para a sua empresa.

Alguns quacres ficam furiosos quando os associam com a aveia Quaker, pois a empresa ficou mais conhecida do que a Sociedade de Amigos. Mas não é somente isso que os incomoda. O problema todo é que o grande público e consumidores da aveia acham que os quacres têm um vínculo com a empresa e os leva a pensar que a maneira de se vestir dos quacres seja semelhante

à usada pelo *homem da Quaker*, o logotipo da empresa. Além disso, alegam que a empresa destoa dos preceitos e valores religiosos Quaker, por não ter qualquer envolvimento real com o Quacrismo. A empresa, em sua página na internet, nega qualquer relação de seu logotipo com os quacres.

Nos últimos anos, a Sociedade tem protestado, pois o nome Quaker está sendo usado para as campanhas publicitárias vistas como promotoras de violência. Em 1990, alguns quacres iniciaram uma campanha de redação de cartas depois que um anúncio da Quaker Oats descreveu Popeye como um “Quakerman” que usou a violência contra alienígenas, tubarões e outros. Mais tarde, novos protestos foram feitos porque brinquedos Power Ranger foram incluídos nas embalagens do cereal.

ÍNDIA. Telegrama dos anos 20, usado em Burma, com a lata da aveia Quaker.

Foi o famoso ilustrador Haddon Sundblom (usando o colega Harold W. McCauley como modelo) quem criou, em 1957, em retrato de cabeça e ombros, o tal homem sinistro e enigmático, que até hoje para muitos “mete medo” e que se tornou um “cult” da pop art. Ao longo dos anos, a logomarca vem sendo modificada por diversos ilustradores e designers.

Mais interessante ainda é saber que Sundblom já era famoso desde a década de 1930, quando criou o famoso Papai Noel da Coca-Cola, com roupas vermelhas, cinto preto e roupas próprias para o inverno, bem como lhe foi pedido. Uma imagem comercial de lendas nórdicas para a América.

Portugal - selos de caderneta.

Sundblom nasceu no estado de Michigan e estudou na American Academy of Art. Destacou-se por seu trabalho publicitário. Em meados dos anos 1930, Sundblom começou a pintar pin-ups para calendários, trabalho que exerceu uma grande influência para muitos artistas do gênero, tais como Gil Elvgren, Joyce Ballantyne, e Art Frahm.

Sua última obra foi uma pintura para a capa da edição de Natal de 1972 da revista Playboy.

Uma pin-up é uma modelo cujas imagens sensuais produzidas em grande escala exercem um forte atrativo na cultura pop. Destinadas à exibição informal, as pin-ups constituem-se num tipo leve de erotismo. As mulheres consideradas pin-ups são geralmente modelos e atrizes.

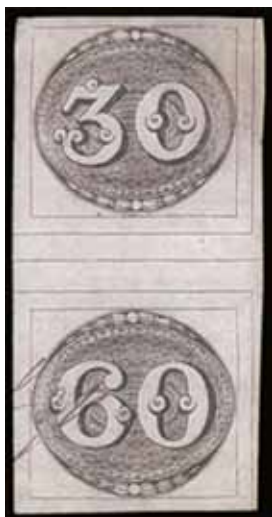
Resumindo, o Velho da Quaker é o irmão caçula do Papai-Noel da Coca-Cola e possui uma irmã muito "bonita" – a Pin-Up!

Definitivamente o mundo é pequeno!

Fonte: Wikipédia.

(*) Cezar Augusto Moraes Bolzan
E-mail: cezarbolzan@gmail.com

Você sabia?

O Quacrismo foi fundado em meados do século XVII pelo pregador inglês George Fox. Ele reuniu grupos de pessoas que acreditavam, como ele, que Deus estava dentro de cada um, e não nos cultos das igrejas.
Os membros desses grupos eram chamados quacres (quakers, em inglês). O verbo quake, em inglês, significa tremer. Dizia-se que os quacres tremiam de emoção durante suas reuniões religiosas.

Guerra Antártica

Hugo Nestor Ciavattini - Palhoça, SC (*)

Os correios da Argentina, Chile, Grã Bretanha e Austrália sempre gostaram de emitir selos postais da Antártida com o mapa da Península de Graham, no Mar de Wedell.

Um tempo atrás me deparei, por acaso, com um mapa chileno da Antártida e fui "surpreendido" por sua semelhança com mapas da Antártida Argentina e da Antártida Britânica. Então, comecei a pesquisar e fiz um breve resumo daquilo que aprendemos sobre o continente branco.

1951. Argentina e seu território antártico.

Hoje, cientificamente, há inúmeras pesquisas em andamento na Antártida, levando os geólogos a ocuparem, muitas vezes, lugar de destaque em seus países. Há uma razão para isso: os governos querem saber o que está sob o gelo.

O petróleo, palavra sussurrada, seria a grande busca. Algumas previsões indicam que a quantidade de óleo na Antártida poderia ser de 200.000 milhões de barris, muito mais do que no Kuwait ou Abu Dhabi.

É extremamente difícil e caro, no momento, extrair petróleo na Antártida. Mas é impossível prever como estará a economia global em 2048, quando for hora de renovar o protocolo que proíbe a exploração da Antártida. Um mundo faminto por energia poderá estar desesperado.

Historicamente, em 4 de janeiro de 1939, a Noruega declarou suas reivindicações sobre o Território Antártico entre os meridianos 0º e 20º, decisão que mexeu com o governo chileno.

Encorajado, o então Presidente da República do Chile, Pedro Aguirre Cerda, define a criação do Território Chileno Antártico. Em 1940, os limites da Antártida Chilena foram formalizados. Assim, "formam a Antártida Chilena ou território chileno Antártico, todas as terras, ilhas, ilhotas, recifes, geleiras e outros, conhecidos e desconhecidos, e o respectivo mar territorial, existentes dentro dos limites constituídos pelos meridianos 53 graus de longitude Oeste de Greenwich e 90 graus de longitude Oeste de Greenwich".

1947. Chile, a mesma região antártica que a Argentina.

Além da Noruega e Chile, outras nações, Argentina, Austrália, França, Nova Zelândia e Inglaterra, passaram a reivindicar territórios no Continente Antártico.

Em 1942, a Argentina declarou seus direitos antárticos entre os meridianos 25º e 68º 24' Oeste (a Punta Dungeness), mas somente em 1957 foram estabelecidos os limites definitivos para a Antártida Argentina, entre os meridianos 25° e 74° de longitude Oeste e paralelo 60° de latitude Sul.

Em 1953, o representante da Índia na ONU apresentou um projeto para a internacionalização da Antártida, ao qual aderiram vários países até sem histórico de atos de soberania sobre o Território Antártico.

Em 1º de dezembro de 1959, foi assinado o Tratado da Antártida. O tratado afirma que a Antártida é Patrimônio Mundial, que seu território será usado para fins pacíficos e cooperação internacional, ficando proibidas instalações de cunho militar, explosões nucleares e lançamento de lixo tóxico. Em 1991, foi assinado o conhecido Protocolo de Madri, que define regras de proteção ambiental na Antártida por cinquenta anos.

O Protocolo de Madri entrou em vigor no ano de 1998.

Filatelicamente, no ano de 1936, a Argentina emitiu um selo de 1 peso com o mapa da América do Sul, em cor café. Esse selo é conhecido como o selo do mapa "com fronteiras" e, inclusive, traz as demarcações de todos os países do subcontinente. Ademais, mostra as Ilhas Malvinas com a mesma cor café que a Argentina continental. O selo postal as identifica com o nome de *Malvinas*.

Os limites indicados no mapa do selo logo geraram uma série de protestos. O Perú, por exemplo, se queixou porque o desenho de sua fronteira com o Equador não correspondia à realidade. O governo chileno sinalizou que a geografia na parte austral do continente, Terra do Fogo e Estreito de Magalhães, parecia favorecer a Argentina e prejudicar o Chile. E o Reino Unido muito se incomodou por causa das Ilhas Malvinas.

Onze anos depois, em 1947, a Argentina emitiu dois selos, um no valor de 5 cts nas cores lilás e violeta e outro, de 20 cts nas cores rosa e carmim, comemorando o aniversário do primeiro correio Antártico Argentino. No mesmo ano, o Chile emite um selo da Antártida Chilena sobre a mesma península de Graham com suas bases antárticas.

1947. Argentina. 5 e 20 C. O mais à direita com filigrana.

Em 1954 a Argentina emitiu um selo da Agência Postal das Ilhas Orcadas do Sul com a imagem da colocação da bandeira argentina nessas latitudes. A Grã-Bretanha responde ao ataque, no fim de 1954, com um selo da comunidade da Austrália com a imagem da Expedição Nacional Australiana.

Após a assinatura do Tratado Antártico, em 1959, a Grã-Bretanha unificou a administração dos territórios da Terra de Graham (o extremo norte da península Antártica), Orcadas do Sul e

Shetland do Sul e com o nome de Território Antártico Britânico emite selos postais desde 1963.

O território Antártico Australiano também emite selos para suas seis bases antárticas, desde 1959. Os ditos selos podem ser usados para franquear correspondências vindas de qualquer ponto da Austrália.

1964. A Argentina emitiu uma série do Território Antártico com as Ilhas Malvinas, Geórgias do Sul, Sanduíche do Sul e Orcadas do Sul, em comemoração ao sexagésimo aniversário da instalação do território antártico argentino (22 de fevereiro de 1904).

A GUERRA COMEÇA

Politicamente, as reivindicações feitas pelas nações nem sempre correram satisfatoriamente. Em 1952, chegou às Malvinas um navio de guerra britânico para instalar uma base na Baía Esperança, onde a Argentina mantinha um destacamento. Os argentinos advertiram os ingleses para que não desembarcassem. Porém, os ingleses não levaram a sério o pedido. Então, um marinheiro argentino fez disparos de metralhadora, ocasionando a retirada, em bote, dos récem-chegados, que deixaram parte de seu carregamento na praia. Isso provocou uma crise diplomática muito tensa entre os dois países, que se resolveu quando a Argentina alegou que o marinheiro havia disparado por ter mal interpretado as ordens recebidas. Porém, documentos confirmam que os argentinos não fizeram mais do que cumprir ordens.

Um ano depois, o então presidente Perón e o presidente chileno Ibañez estavam reunidos, quando uma fragata de guerra inglesa foi até a ilha Decepção e incendiaram os assentamentos argentino e chileno. Marinheiros foram capturados. Argentina e Chile unidos enviaram uma declaração aos ingleses de que enviariam fragatas de guerra com marinheiros de ambos os países, atitude que provocaria o começo de uma guerra. A Grã Bretanha recuou.

CONCLUSÃO

França, Brasil, Chile, Equador, Estados Unidos, Polônia, Uruguai, Venezuela e todas as demais nações que integram o Tratado da Antártida emitiram selos sobre a Antártida. Com grande apelo político e histórico, essas emissões se tornam um atrativo tema para colecionar, que pode ser enriquecido com envelopes das campanhas antárticas como o FDC da República Argentina que homenageia o general de Divisão Hernan Pujato, explorador que teve grande atuação nas expedições argentinas à Antártida, nascido em 1904 (ver página seguinte).

FDC. Homenagem ao General Hernán Pujato, designado pelo presidente Juan Perón para atuar na Antártida argentina a partir da década de 1950.
Pujato atuou em diversas expedições, tendo sempre como objetivo atingir o Polo Sul.
Faleceu em setembro de 2003, com 99 anos de idade. Suas cinzas estão depositadas, a seu pedido, na Base argentina San Martin, desde 2004, coincidentemente ano do centenário de seu nascimento e também do centenário da ocupação argentina na Antártida.

(*) Hugo Nestor Ciavattini Pischeda
E-mail: anconanestor@gmail.com

Você sabia?

O Brasil mantém na Antártida uma estação de pesquisas sobre os efeitos das mudanças ambientais na vida do planeta. A Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) começou a operar em 1984. Em 2012 foi parcialmentee destruída por um incêndio. Logo um programa de reconstrução foi proposto, mas os trâmites legais só permitiram o início das obras em março de 2016, com previsão para terminar em 2018. Os trabalhos, mesmo de forma precária, foram retomados em 2014.

Os Correios do Brasil homenagearam o programa antártico brasileiro, emitindo em 1997 um bloco (RHM B109).

PETRÓPOLIS - A cidade de Pedro

Roberto Michetti Moreira - Garopaba, SC (*)

"*Lembrei-me de Petersburgo, cidade de Pedro, recorri ao grego e achei a cidade com esse nome no arquipélago, e sendo o imperador Dom Pedro, julguei que lhe caberia bem o nome*" (1).

Um pedaço de terra situado na região serrana do Rio de Janeiro, com clima agradável e emoldurado pela Mata Atlântica e, ainda, famoso pelas ricas e extensas fazendas, como a do Padre Corrêa, onde nosso primeiro Imperador, Dom Pedro I, se hospedava esporadicamente. Apaixonado pelo clima e com o intuito de ali estabelecer uma casa de campo, Pedro compra, em 1830, pela quantia de 20:000$000 (Vinte Contos) a "fazenda do Córrego Seco", onde futuramente seria fundada a cidade de Petrópolis. Porém, um ano mais tarde seus planos são interrompidos. Por motivos políticos, abdica do trono em favor de seu filho Dom Pedro II e regressa a Portugal, deixando sua fazenda sem um destino certo. Passados alguns anos, mais especificamente em 1843, durante o reinado de Dom Pedro II, o mordomo-mor da casa imperial, Paulo Barbosa, decide dar início ao projeto tão sonhado por Dom Pedro I, arrendando a fazenda ao Major Engenheiro Frederico Koeller por 1:000$000 (Um Conto) anual, devendo este separar uma área para edificação de um palácio para o Imperador, com dependências e jardins e uma outra área para povoação, que deveria ser aforada a particulares, como, ainda, reservar um terreno para a construção de uma igreja com a invocação de São Pedro de Alcântara – santo de devoção do monarca.
Devido à paixão que o Imperador tinha pela cidade, aos poucos, suas temporadas e as de sua família deixaram de se restringir ao pico de verão. Assim, a família passava, anualmente, cerca de cinco meses no alto da serra, descendo ao Paço da Cidade apenas para as solenidades de praxe e logo retornava.

Cartão telefônico - Vista noturna do Museu Imperial.
Bloco de selos - A Encantada - casa de Santos Dumont.

O grandioso e imponente Palácio do Imperador, projetado por Koeler em estilo neoclássico, abriga, hoje, o Museu Imperial de Petrópolis, um dos principais atrativos turísticos da cidade, assim como a Catedral de São Pedro de Alcântara, Museu Casa de Santos Dummont, Palácio Quitandinha, Palácio de Cristal, entre outros. Todos são largamente representados na filatelia, numismática, medalhística, cartofilia, telecartofilia, etc.

Cartão-postal Palácio Quitandinha.

Medalha IV Exposição de Flores e Frutos - 1952.

(1) Citação de Paulo Barbosa, mordomo-mor da Casa Imperial e administrador dos bens de Sua Magestade o Imperador D. Pedro II.

Fontes Bibliográficas:

AS BARBAS DO IMPERADOR – Lilia Moritz Schwarz. CAP 9 As residências de Dom Pedro.
TELECARTOFILISTAS BLOGSPOT - http://telecartofilistas.blogspot.com.br/2008/05/cartoes-museu-imperial-telebras.html (Foto 1).
FILATÉLICA VITÓRIA RÉGIA - http://filatelicavitoriaregia.com.br/index.php?route=product/product&product_id=3331 (Foto 2).
MERCADO LIVRE - http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-711748480-carto-postal-antigo-petropolis-quitandinha-rio-de-janeiro-_JM (Foto 3).
BUDANOLEILOEIRO - http://www.budanoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1930849 (Foto 4).

(*) Roberto Michetti Moreira
E-mail: casadaarte@ymail.com

As Medalhas contam a História do Brasil - XIV

Claudio Amato - São Paulo, SP (*)

Primeiro Centenário do Conde Francisco Matarazzo - 1954

Francesco Antonio Maria Matarazzo nasceu em Castelabate, província de Salerno, na Itália, em 9 de março de 1854. Chegou ao Brasil em 1881, seguindo para Sorocaba, no interior de São Paulo, onde, no ano seguinte, abriu uma casa comercial que vendia porcos e banha. Naquela época, o café era o produto mais importante da economia brasileira, mas Matarazzo decidiu investir em outros produtos que faziam parte da mesa dos brasileiros como o arroz, o queijo, o óleo etc.

Pensando no mercado interno, começou a produzir banha de porco, que normalmente era importada. Matarazzo escolhia pessoalmente os porcos e guardava a banha em barris de madeira, que vendia aos fregueses de porta em porta. Em 1890, transferiu-se para São Paulo, trazendo da Itália mulher, filhos e irmãos. Na primeira década do século 20, já havia acumulado um capital considerável que aplicou em atividades industriais e comerciais.

A princípio montou um moinho de trigo, depois tecelagens, indústria metalúrgica, moinhos para a fabricação do sal, refinarias de açúcar, fábricas de óleo e gordura, frigoríficos, fábrica de velas, sabonete e sabão. E mais: centros fabris, usina de sulfureto de carbono e de ácidos, fábrica de fósforos e pregos, de louças e azulejos, usina de cal, destilaria de álcool, fábrica de papel e a primeira destilaria de petróleo de Cubatão no Estado de São Paulo.

As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) chegaram a contar com mais de 200 unidades fabris e paralelamente à expansão industrial, Matarazzo tinha um banco, uma frota de navios, um terminal no porto de Santos e duas locomotivas para transportar mercadorias.

Recebeu do rei Vitorio Emmanuele III o título de conde por ter enviado à Itália mantimentos durante a Primeira Guerra Mundial. Faleceu em São Paulo em 10 de fevereiro de

1937, deixando um grande legado de realizações na área empresarial, tendo sido um dos marcos da modernização do Brasil.

Dados Técnicos das Medalhas:

Materiais: Ouro, Prata (900) , Bronze e Bronze Prateado
Diâmetro: 53 mm
Pesos: Ouro (desconhecido), Prata – 64 gramas e Bronze e Bronze Prateado – 70 gramas.
Gravador: Metalúrgica Abramo Eberle.
Referência Catalográfica: ***1954.A05*** *(Livro das Medalhas do Brasil - 1ª.edição - Claudio Amato)*

(*) Claudio Amato
E-mail: camato@claudioamato.com.br

Veja a seção MEDALHÍSTICA no site da AFSC para reler esta matéria e outras, publicadas neste boletim e em boletins de Associações congêneres.
Acesse:
www.afsc.org.br/medalhas

O Latim e a Numismática Brasileira

Juliano Natal - Florianópolis, SC (*)

A língua latina, desenvolvida a partir do século VII a.C. e oriunda da região romana do Lácio (Latium no original), às margens do Rio Tibre, deu origem a muitas línguas, dentre elas a língua portuguesa. Após um período de transição chamado latim antigo - por volta de 100 a.C. -, a língua atingiu a forma como a conhecemos a partir das obras dos grandes poetas e historiadores. Entre os anos 200 e 500 d.C., a língua recebeu modificações substanciais. Nesse intervalo, o latim evoluiu para as línguas românicas conhecidas hoje[1].

Quando pensamos no latim, rapidamente e equivocadamente, fazemos associação com um antigo idioma que está ultrapassado, visto que na atualidade o latim não é utilizado como língua oficial de nenhuma nação[2]. No Brasil, o estudo da língua latina foi retirado do ensino básico em meados da década de 1960, restando atualmente dez cursos universitários de graduação em latim.

Contudo, apesar de todas as mudanças, palavras e expressões em latim são largamente usadas no meio religioso, nas ciências e profissões e por que não nas expressões do cotidiano. Por exemplo:

A priori = a princípio;
Aliás = expressão utilizada para retificar algo, "de outro modo";
Corpus Christi = corpo de Cristo;
Et cetera (etc) = significa "e outros";
In loco = no local;
Modus operandi = modo de agir;
Curriculum Vitae = significa "trajetória de vida".

Nesse contexto, a numismática brasileira não poderia ficar de fora. Nos séculos XVI e XVII, inúmeras moedas produzidas na Coroa Portuguesa e que por aqui circulavam, traziam inscrições em latim. A prática também se estendeu para as moedas cunhadas em território nacional até o início do século XXI.

Sem dedicar mais informações sobre os aspectos históricos da língua latina, este artigo foca o agrupamento das expressões latinas mais utilizadas nas moedas brasileiras e seus significados mais apropriados à comunicação e às mensagens transmitidas pelo sistema monetário da época.

O período de referência do meio circulante no Brasil inicia-se com a autorização oficial regulamentada pela Provisão de 3 de março de 1568, durante o reinado de D. Sebastião I, 16º Rei de Portugal (1557 - 1578)[7]. As primeiras expressões escritas em latim nas moedas que aqui circulavam, referem-se à frase IN HOC SIGNO VINCES, frequentemente utilizada nas moedas da Colônia e Império cujo significado, POR ESTE SINAL VENCERÁS, é alusivo ao sinal da Cruz de Cristo, que aparece nas moedas de ouro (Colônia e Império), prata e cobre (Império). Com a Proclamação da República, essa inscrição caiu em desuso, vindo a ser registrada pela

última vez na moeda de 400 Réis em alegoria temática à série Comemorativa ao 4º Centenário do Descobrimento do Brasil (ver boletim AFSC número 70).

Reverso da moeda de 4.000 Réis, cunhada em ouro durante o reinado de D. João V, com a inscrição latina IN HOC SIGNO VINCES (Por Este Sinal Vencerás), que traz ao centro a Cruz da Ordem de Cristo.

Moeda de prata de 1.200 Réis, cunhada durante o reinado de Dom Pedro II, que abandonou o sistema divisionário de Patacas, utilizado até 1833. No reverso, temos uma variante da inscrição latina, abreviada para IN HOC S. VINCE (Por Este Sinal Vencerás).

A pioneira série de moedas cunhadas pela primeira Casa da Moeda do Brasil, localizada em Salvador, traz no anverso a legenda PETRVS II D G PORT REX ET BRAS D, abreviação da frase latina PETRUS SECUNDUS DEI GRATIA PORTUGALLE REX ET BRASILIAE DOMINUS, significando: PEDRO II PELA GRAÇA DE DEUS REI DE PORTUGAL E SENHOR DO BRASIL. A partir dessa expressão latina, são encontradas pequenas variáveis da inscrição nas moedas do mesmo governante e de outros governantes.

Por exemplo, no reinado de Maria I (1786-1789), a inscrição do anverso aparece MARIA I D. G. P. ET BRASILIAE REGINA, abreviação de MARIA PRIMA DEI GRATIA PORTUGALLAE REGINA ET BRASILAE (D. MARIA I, POR GRAÇA DE DEUS, RAINHA DE PORTUGAL E DO BRASIL).

À esquerda, Anverso da moeda de XL Réis de D. Maria I, de 1786, que recebeu a legenda latina MARIA I D.G.P. ET. BRASILIAE REGINA.

Outra legenda latina muito utilizada nas moedas de cobre do período Colonial refere-se à PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORDEM, significando: O DINHEIRO CIRCULA PELO MUNDO TODO[6].

À esquerda, reverso da moeda de XL Réis de D. Maria I, de 1786. Traz a inscrição latina PECUNIATOTUM CIRCUMIT ORDEM (O Cinheiro Circula pelo Mundo).

Em algumas moedas de ouro da Colônia, o reverso traz a inscrição ET. BRASILIAE DOMINUS ANNO, significando: E SENHOR DO BRASIL ANO.

À direita, reverso da moeda de Ouro de 4.000 Réis, de D. João Príncipe Regente, cunhada pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro em 1817, contendo a inscrição latina ET BRASILIAE DOMINNUS ANNO (E Senhor do Brasil Ano).

Ainda na primeira série de moedas da Casa da Bahia, o reverso traz a expressão latina largamente utilizada nas moedas brasileiras, SUBQ SIGN NATA STAB, significando: SOB ESTE SINAL NASCEU E PERMANECERÁ,
alusão ao primeiro nome que o país recebeu (Terra de Vera Cruz). A utilização dessa expressão encerrou-se com a declaração da independência do Brasil.

À direita, Pataca de 1695, cunhada em Salvador, que traz no reverso a inscrição latina SUBQ SIGN NATA STAB (Sob Este Sinal Nasceu e Permanecerá). Tal inscrição foi utilizada por mais de um século em todas as moedas de prata cunhadas até a Proclamação da Independência. Nas inscrições latinas era muito comum a troca do U pelo V[10].

No começo do século XVIII, circulavam por aqui moedas de V, X e XX Réis, que entre 1693 e 1699 foram cunhadas pela Casa da Moeda do Porto para a colônia de Angola, com a inscrição latina no anverso MODERATO SPLENDEAT USU, significando: BRILHARÁ COM O USO MODERADO [5].

Na tentativa de valorizar a circulação de moedas cunhadas em cobre, metal que era empregado em moedas de baixo poder aquisitivo, em 1722 as moedas de cobre de XX e XL Réis, cunhadas para Minas Gerais, receberam a inscrição latina AES USIBUS APTIUS AURO em seu anverso, significando: O COBRE É MAIS PRÓPRIO PARA O USO QUE O OURO.

Moeda de cobre de XX Réis, cunhada em 1699 para Angola e mandada circular no Brasil. Traz, no anverso, a inscrição latina MODERATO SPLENDEAT VSV (Brilhará Com o Uso Moderado).

Moeda de XX Réis, cunhada em cobre, em 1722, para circulação na província de Minas Gerais, trazendo no anverso pela vez única a inscrição AES USIBUS APTIUS AURO (O Cobre é Mais Próprio Para o Uso Que o Ouro).

Alguns governantes adotaram, em seu título, a citação da Colônia Portuguesa do Algarves, passando a inscrição latina, por exemplo, para JOANNES VI D. G. PORT BRAS. ET. ALG. REX, abreviação de JOANNES SEXTUS DEI GRATIA PORTUGALLAE BRASILIAE ET ALGARBIORUM REX, significando: D. JOÃO VI, POR GRAÇA DE DEUS, REI DE PORTUGAL E DO BRASIL E ALGARVES.

No Brasil independente, as moedas de ouro, cobre e prata do primeiro reinado (1822-1831), trazem a legenda latina PETRUS I D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF, abreviação do título adotado por PETRUS PRIMUS DEI GRATIA CONSTITUTIONALIS IMPERATOR ET PERPETUUS BRASILIAE DEFENSOR, significando: D. PEDRO PRIMEIRO, POR GRAÇA DE DEUS, IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL. No segundo reinado (1840-1889), o então governante somente não adotou essa inscrição nas moedas de níquel de 50, 100 e 200 Réis.

2 patacas cunhada em prata, em 1824, que traz em seu anverso o título do imperador D. Pedro I, PETRUS I D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF (Pedro I Por Graça de Deus, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil).

2000 Réis, cunhada em prata, em 1875. Traz a legenda latina PETRUS II D. G. C. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. (Pedro II Por Graça de Deus, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil).

Referências

1. http://www.jornalopcao.com.br/
2. Site: http://portugues.uol.com.br/gramatica/latim-uma-lingua-viva.html
3. Amato, Cláudio; Neves, Irlei e Russo, Arnaldo. **Livro das Moedas do Brasil,** 13ª edição. Edição do Autor, São Paulo, 2014.
4. Cerezo, Miguel Castro. **Enciclopédia do estudante: História do Brasil das Origens ao Século XXI**, 1ª edição, Moderna, São Paulo, 2008.
5. Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **As Moedas Contam a História do Brasil,** Editora Magma Cultura, Rio de Janeiro, 2007.
6. **Catálogo Vieira Moedas Brasileiras**, 14ª edição, Rio de Janeiro, 2012.
7. Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial**, 5ª edição. MBA Editores, 2017.
8. Schwarcz, Lilian Moritiz e Starling, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**, 1ª edição, Companhia das Letras, São Paulo, 2015.
9. Schwarcz, Lilian Moritiz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II um monarca nos trópicos.** 1ª edição, Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
10. Site: www.moedasdobrasil.com.br
11. **Site: www.bcb.gov.br**
12. Site: www.tac.sc.gov.br

(*) Juliano Natal
E-mail: juliano_natal@yahoo.com.br

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Diretoria Regional de Santa Catarina

Seção de Filatelia
Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva – gabrielgd@correios.com.br
Amanda Ferreira Martins – amandafmartins@correios.com.br

Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados

Rua Romeu José Vieira, 90 – bloco B – 6º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário – São José/SC
CEP 88110-906 – Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Editais
Envelopes Comemorativos - Coleções Anuais

Em Florianópolis: Agência Central de Florianópolis
Praça XV de Novembro, 242
CEP 88010-970 – Telefone (48) 3229-4336

Em Blumenau: Agência Victor Konder – Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 – Telefone (47) 3340-6772

Em Joinville: Agência Joinville – Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 – Telefone (47) 3433-1574